

T. V. A.

DEMOCRACIA em marcha, título sugestivo do livro que David Lillienthal escreveu sobre o Tennessee, define a capacidade realizadora de um regime desde que a obra de recuperação e fomento levada a cabo sob os auspícios do Congresso dos Estados Unidos no seu vale histórico constitui o síndrome de poderosas energias de elites políticas e técnicas que se conjugaram para fins de promoção de bem-estar geral. No momento em que cogitamos do aproveitamento da riqueza em potencial do nosso S. Francisco e que o Presidente Eurico Dutra visita a região americana que tem com a do rio brasileiro tantas e tão íntimas afinidades, cabem perfeitamente aqui as referências ao mais gigantesco empreendimento intentado no campo da engenharia hidráulica e do planejamento regional, isto é, a Tennessee Valley Authority que em menos de dez anos transformou terras esgotadas ou pantanosas em área fértil e pródiga.

O Rio Tennessee, oriundo dos montes Apalaches, corre de Knoxville, sob às vistas das florestas que cobrem as Great Smoky Mountains, até Paducah, nas terras baixas do Kentucky, onde se pode avistar, do outro lado do rio Ohio em que deságua, os campos de Illinois, sendo o seu curso, outrora livre e inconstante, interceptado agora pelas ciclópicas estruturas das represas que se sucedem ao longo de suas seiscentas e cinqüenta milhas, ressaltando entre elas as de Fort Loudoun, Watter Bar, Gunterville, Wheeler, Wilson, Pickwick e Kentucky além de muitas outras, num total de vinte e uma, das quais vale ainda citar as ergüidas no caminho antes desimpedido de seus principais tributários: as de Hiwassee, Norris, Fontana, Cherokee e Douglas.

Nos dias que correm, o Vale do Tennessee apresenta aspectos diferentes daqueles que o caracterizavam há quinze anos. Antes da criação da T. V. A. as cheias eram uma ameaça constante à segurança da população radicada nas cercanias do grande rio. As chuvas torrenciais e a devastação das matas pelas águas sujeitas a periódicas elevações de nível; a malária e o esgotamento das terras marginais cujo precioso humus os caudais destruidores carregavam para o mar; a erosão generalizada do solo nas colinas e vargens e a instabilidade das culturas eram as pragas que estagnavam ou impediam o progresso da região apesar de suas riquezas naturais.

A Tennessee Valley Authority ou, melhor, a Administração do Vale do Tennessee, conseguiu, todavia, transpor todos os obstáculos e, conforme diz Stuart Chase, domesticar o rio que, com sua rede de grandes afluentes, irriga sete estados do sueste da União Norte-americana. Ela é talvez a mais notável realização de cunho eminentemente social de Franklin D. Roosevelt que a 10 de abril de 1933 encaminhava ao Congresso os planos de recuperação do grande vale e de criação de sua unidade independente de administração e planejamento, aprovando o legislativo a 18 de maio do mesmo ano a proposta do Executivo que instituía o que C. Herman Pritchett denominou de "o mais singular órgão público do país", desde que entre suas atribuições estava prevista a de promoção do desenvolvimento social e econômico de uma área geográfica definida e a de controle, conservação e exploração dos seus vastos recursos.

A proporção das obras a cargo da T. V. A., os seus dez bilhões de kilowatts anuais, os seus duzentos e cinqüenta milhões de toneladas — milha de tráfego fluvial, as suas grandes fazendas — cooperativa e as indústrias que prosperam com sua assistência em Chatanooga ou Nashville são hoje argumentos que justificam plenamente a inversão daqueles setecentos milhões de dólares do Tesouro Federal. A T. V. A. executou de fato, em pouco tempo,

o mais extenso programa de eletrificação, abrangendo tôdas as cidades do Tennessee e muitos dos estados vizinhos. Oitenta e três municipalidades são, atualmente, partes nos contratos de fornecimento de energia assinados com a grande empresa que vendeu, só durante o exercício de 1942, cerca de dois milhões de kilowatts-hora de eletricidade, arrecadando uma importância de nove milhões e meio de dólares.

A história da Tennessee Valley Authority tem, entretanto, origem de certo modo remota. Desde 1824 que o rio que lhe dá nome constituiu sério problema para o governo. Sofrendo o seu leito, nas proximidades de Florence, no Alabama, uma inclinação de cerca de 134 pés, as dificuldades de navegação restringiam, por isso, as possibilidades econômicas e de intercâmbio através do seu vale. Os rápidos e as formações rochosas que nesse trecho afloravam à superfície e que desde os tempos coloniais eram conhecidos por Muscle Shoals, clamaram pelas providências dos estadistas e técnicos da época. Entre 1828 e 1890, pois, surgiram vários projetos de construção de canais que contornassem os recifes e bancos de areia que impediam o aproveitamento do rio como via de transporte, a par de muitos outros relativos à exploração de seu potencial hidroelétrico. Só em 1899, porém, pôde o Congresso aprovar a proposta de levantamento de uma represa, autorizando a necessária concessão a particulares que, no entanto, jamais a utilizaram. Em 1906 verificou-se sem sucesso nova tentativa de exploração econômica do Tennessee com a fundação de uma Muscle Shoals Hydro-electric Power Company.

A guerra de 1914-1918 realçou, por fim, de modo definitivo, a importância do vale, isto porque os Estados Unidos necessitaram dos nitratos de que ele era muito rico a fim de abastecer sua indústria bélica. Não foi só este o interesse. Em 1916 o Senador Francis G. Newlandes de Nevada, clamara também contra as inundações, referindo-se particularmente às do Tennessee, dizendo: "se tratarmos com sensatez o problema das enchentes transformaremos o passivo que essas águas são hoje para nós num verdadeiro ativo. As cheias estão destruindo anualmente no país bens no valor de duzentos milhões de dólares. E' preciso dominar definitivamente esse mal, tendo em vista evitar ou pelo menos reduzir os danos que ele causa anualmente". Em consequência da situação criada principalmente pelo Rio Tennessee, considerou-se devidamente a questão do controle de suas águas e do aproveitamento de seu potencial no texto do National Defense Act de 1916 que previa a exploração das jazidas minerais situadas em suas cercanias, com a necessária construção de uma grande usina que só começou a funcionar, porém, em 1925.

A eleição de Roosevelt em 1932 importou, afinal, na solução do caso do Tennessee. Em seu discurso de propaganda eleitoral, pronunciado a 21 de setembro de 1932, em Portland, ele definiu seu plano, isto é, criar, no vale cuja terra era estéril e devastada pela erosão, cujo rio empregava sua grande reserva de forças para fins exclusivamente destrutivos, uma agricultura de escóla, uma civilização industrial baseada na energia fornecida pelo volumoso curso d'água e um comércio próspero, com a utilização de toda a capacidade de suas vias fluviais. Realizando esse objetivo, a Tennessee Valley Authority, consciente dos sintomas de exaustão pelo desperdício dos recursos naturais da região, criou um clima de atividade planejada em seus mínimos detalhes tendo em vista capitalizar economicamente estes mesmos recursos e criar um sentimento de confiança e esperança no futuro. Enquanto a criteriosa exploração desses recursos naturais, diz D. Lilienthal, puder contribuir para estimular essa confiança no seio do povo, ela dará resultados que ultrapassarão o campo dos interesses exclusivamente econômicos. Ampliará as possibilidades de formação de uma opinião pública que tenha por base a perspectiva e o anseio mundial de paz.